

ELIMAR DE PAIVA

Verdade e Mentira no Sentido Extra-Moral

RUBIATABA --- 2001

ELIMAR DE PAIVA



VERDADE E MENTIRA NO SENTIDO EXTRA-MORAL

Monografia apresentada como exigência para conclusão do curso de Filosofia da Faculdade de Ciências e Educação de Rubiataba, sob a orientação do professor Paulo Henrique Castanheira Vasconcelos.

5 - 30735

Tombo nº.	7125
Classif.:	
Ex.:	1
Origem:	d
Data:	01-03-03

RUBIATABA --- 2001

Dedicatória

Senhor, tu que és criador. Estiveste sempre ao meu lado amparando-me nas horas difíceis, quando pensava que não conseguiria, tu com tua mão forte conduziste-me.

Senhor, com sua bondade e magnificência presenteaste-me com pais maravilhosos, que sempre estiveram ao meu lado, dando-me ânimo para seguir sempre em frente. Em forma de gratidão, dedico esta de todo meu coração a vocês queridos pais, pois são uma âncora na minha vida, sempre saio a vaguear no meu barco tendo a certeza de que tenho um porto onde não haverá nenhuma dificuldade de aportar que são os vossos braços acolhedores.

Estamos na terra, somos da terra. Há uma certa distância entre céu e terra, e no entanto, deparamos com pessoas que são anjos na terra, sempre procurando fazer o melhor possível na sua jornada, ao menos foram nosso anjo salvador, a você querido Pe. Daniel Santana Valim por todo apoio que me deste no decorrer desta árdua caminhada, sendo o meu anjo, conduzindo-me, apoiando-me nos momentos difíceis.

A todos aqueles colegas que estiveram e fizeram parte da minha caminhada. Nas horas difíceis vinham com sua força, fazendo um furacão por onde passavam esboreando a cratera da minha alma, sempre tiveram uma palavra amiga e acolhedora, instigando-me a vida.

Senhor tu que és criador, queira no decorrer da minha jornada aqui na terra, dar o melhor de mim. Sei que sou fraca e errante diante da tua magnificência, mas Senhor queira não considerar minhas faltas, estando sempre do meu lado. Revista-me de sabedoria, tal qual concedeste ao teu servo Salomão, concede-me sabedoria, para que assim possa louvar e bendizer o teu nome.

Agradecimentos

Nosso tempo na terra é tão curto, vivemos uma vida muito atribulada repleta de desvios e no decorrer desta, deparamo-nos com o tempo e percebemos que aqueles que sempre estiveram ao nosso lado sempre que precisamos, nunca ouviram um obrigado.

Sempre é tempo de repararmos nossos erros, o homem cresce a medida que reconhece seus erros. Voltei meu pensamento ao passado, fragmentos de minha vida foram passando por meu pensamento como se estivesse assistindo a um filme e deparei com cenas em que me esqueci de dizer o quanto aquele ato me ajudou, hoje reparo essa falha agradecendo de um modo muito especial a todos que estiveram do meu lado.

Senhor, agradeço pelo dom da vida a qual concedeste-me, dentre tantos seres fizeste-me perfeita. Ao mesmo tempo em que o agradeço, peço-te, imploro-te queira sempre fazer-se presente em minha vida, na minha falha presença humana, sei que às vezes me abduco da vossa companhia, mas Senhor, esta tua fraca filha, almeja de todo coração estar junto a ti, vivendo e sentindo teu poder.

A todos os mestres que passaram por minha vida, esse dom tão bonito que é o de ensinar. Alguns ficaram pouco tempo, outros muito tempo, independente da quantidade de tempo, as lembranças nunca se apagaram. Mesmo estando ausente estão presente no meu coração, sendo sempre lembrados com muito carinho.



“Se alguém se afeiçoa à palavra e à fala como a testemunhas sagradas, ele não as quer lançar como moedas ou notas somente para uma rápida e momentânea transação, mas as quer decididamente como verdadeiro equivalente no manuseio e na viagem do espírito. Se é assim, não se pode levá-lo à mal que ele nos faça perceber como certas expressões usuais, das quais ninguém mais se escandaliza, exercem uma influência perniciosa, obscurecem evidências, deslocam o conceito e dão uma falsa direção a todo um mundo de coisas.

Goethe

Aos meus amores:

**José Sebastião de Paiva, Maria
Adolfina Silva de Paiva e Eber
Silva de Paiva.**

Siglas

A.F.P._ A Filosofia Perene. HUXLEY, Aldous.

O.M.D.S._ O Mundo de Sofia. GAARDER, Jostein.

N._ Nietzsche. HALÉVY, Daniel.

N.W._ Nietzsche e Wagner. HOLLINRAKE, R.

V.M.S.E._ Verdade e Mentira No Sentido Extra-Moral. NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm.

O.L._ O Louco. TÜRCKE, Christoph.

A.F.Z._ Assim Falava Zaratustra. MANN, Heinrich.

I.P._ Introdução ao Pensar: o ser, o conhecimento, a linguagem. BUZZI, Arcângelo R.

G.M.P._ Grandes Mestres do Pensamento. NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm.

M.G._ Mitologia Grega. BRANDÃO, Junito de Souza.

Sumário

Introdução.....	01
-----------------	----

I CAPÍTULO

Conceitos de Verdade.....	04
Verdade como Revelação ou Manifestação.....	07
Verdade como Conformidade.....	11
Verdade como Forma de Coerência.....	11
Verdade como Utilidade (Pragmatismo).....	12

II CAPÍTULO

Verdade e Mentira.....	23
------------------------	----

III CAPÍTULO

Moral e Extra-Moral.....	35
--------------------------	----

IV CAPÍTULO

Conseqüências e Seqüelas.....	44
Apêndice.....	48
Nietzsche em 1837.....	49
Escola de Pforta.....	50
Malwida von Meysebug.....	51
Dionoso, Pã e uma Bacante.....	52
Dioniso.....	53
Conclusão.....	54
Bibliografia.....	57

Introdução

"Ler Nietzsche não é passar os olhos pelas páginas de seus livros. É preciso ruminá-lo, compreendê-lo, senti-lo. E nunca é demais repetir: é preciso ter algo de Nietzsche. Antes de tudo ele é um filósofo. O grande impulso que deu ao existencialismo, gênese de tantas novas escolas, assinalaram-lhe um lugar de destaque na filosofia. apesar dos esforços contrários, ele penetra na filosofia com a característica incomum de, mais avulta as suas idéias e o seu renome!"

Compreender o que é a verdade é algo muito importante nos tempos atuais, pois o homem cada dia que passa usurpa as palavras usando-as com ambigüidade. O poder das palavras, a grande maioria não se atém à magia que sobressai da palavra, desconhecem-na, usando-a somente para um meio de comunicação, não outorgando vida à mesma.

Em se considerando o homem do século XXI, percebe-se claramente o quanto este está desprovido de sensações fortes, entregue cada vez mais ao individualismo. O que é uma grande perda, pois deve-se viver com intensidade cada dia como único.

Preocuparam muito com a tecnologia, sempre querendo superar as pesquisas já prontas, esqueceram do homem. Esquecendo o homem, a verdade ficou ao longo do tempo. Agora cada um a usa segundo suas necessidades, o que for mais ardiloso estabelecerá o consenso e ditará as verdades.

No decorrer da história criou-se variadas correntes de pensamento sobre a verdade. Nietzsche por ser uma pessoa mais voltada para o agora criou a verdade como utilidade, uma filosofia da ação, onde se pensa e se faz. Por ser filho de pastor protestante, todos achavam que seguiria a carreira do pai, no entanto, no decorrer do tempo seguiu sua vocação, de filósofo. Depara-se com uma doença que o coloca mais sensível à realidade da vida, atendo-se ao que se tem realmente, o presente.

Na história das palavras foi criado um concílio e através deste, chegaram a um consenso e começaram a nomear as coisas. As palavras no princípio da vida humana têm um sabor, à medida que se acostuma a elas, vai-se perdendo o sabor tornando-a uma coisa comum, sendo restrita apenas aos poetas que sentem a exaltação e as enaltecem declamando-as em seus escritos.

O homem está acostumado a viver numa redoma. Nietzsche sente essa drasticidade, partindo daí, cita as três transformações do espírito: camelo, leão e criança. O camelo é sempre levado pela força esmagadora do "tu deves", deixando de lado suas perspectivas, sendo somente carregado pelos demais. O leão está começando a ver a realidade tal qual e começa a lutar com todas as forças, saindo desse comodismo. E por fim a criança que denota a esperança, o espírito lúdico de sempre começar de novo.

Deve-se suscitar o espírito da brincadeira no homem moderno, onde possa ser leão e lutar por seus ideais não deixando que a força esmagadora da moral o dissolva. Mas também ser criança, pois esta exprime uma condição sem conceito e complexa. Seu balbuciar denota um desejo fragmentário, que vem do corpo e não do pensamento. E se o que caracteriza a criança é a eterna reinvenção do jogo de inventar, tornar-se criança significa então viver a vida como um jogo: conhecendo as regras, mas nunca sabendo se se vai ganhar ou perder.

Possa o leitor ter sua própria visão sobre o filósofo em questão, não julgando-o a partir de "preconceitos", mas sim voltando os olhos para sua doutrina, e saber que não veio para ter discípulos, mas sim, com a filosofia do martelo sempre instigando a conhecer a realidade quebrando tabus.

I

Capítulo



Conceitos de Verdade

*“No princípio era a linguagem...
E a linguagem armou tenda entre nós”.*
(Jo-1,1-14)



Segundo o dicionário de Filosofia¹, “Verdade” é a validade ou eficácia dos procedimentos cognoscitivos. E, em geral, entende-se por verdade a qualidade em virtude da qual um procedimento cognoscitivo qualquer torna-se eficaz ou obtém êxito. Essa caracterização pode ser aplicada tanto às concepções segundo as quais o conhecimento é um processo mental

O primeiro conceito de verdade, como correspondência, é o mais antigo e divulgado. Pressuposto pela escola pré-socrática, o primeiro a formulá-la com mais explanação foi Platão, na definição do discurso verdadeiro feita em Crátilo. Onde diz “Verdadeiro é o discurso que diz as coisas como são; falso é aquele que as diz como não são”, entendendo assim de forma prática o que seria verdadeiro e o que não seria. Em contrapartida Aristóteles diz: “Negar aquilo que é e afirmar aquilo que não é, é falso, enquanto afirmar o que é e negar o que não é, é a verdade”.

Aristóteles classifica duas formas dessas verdades, sendo a primeira a verdade que está no pensamento ou na linguagem, não no ser ou na coisa, o segundo é que a medida da verdade é o ser ou a coisa, não o pensamento ou o discurso: de modo ou a coisa, não o pensamento ou o discurso.

Os Estóicos e Epicuristas continuam admitindo que a verdade é a correspondência entre o conhecimento e a coisa, mas julgam que o critério da verdade é diferente, porque para os Estóicos ele está na representação cataléptica

¹ Os dizeres acima citados são retirados do dicionário Nicola Abbagnano.

(verdade), que é a manifestação do objeto para o homem, enquanto para os epicuristas ela está na sensação, que é o próprio manifestar-se da coisa .

A teoria da correspondência também pode ser acompanhada pela teoria da verdade como manifestação ou revelação. Santo Agostinho, por um lado, define a verdade como "aquilo que é como aparece", e por outro lado considera como verdade "aquilo que revela o que é, ou que se manifesta a si mesmo", nesse sentido, identifica a verdade com o *verbum* ou *logos*, que é a primeira manifestação imediata e perfeita do ser, ou seja, de Deus. No entanto S. Tomás, define a verdade como "adequação entre o intelecto e a coisa, mas, ao mesmo tempo que me mantém, com relação ao homem, a tese aristotélica de que as coisas, e não o intelecto, são a medida da verdade inverte essa tese no que diz respeito a Deus: "O intelecto divino é mensurante, e não mensurado; a coisa natural é mensurante e mensurada, mas o nosso intelecto é mensurado e não mensurante, em relação às coisas naturais; é mensurante só em relação às coisas artificiais. Portanto, existe também uma verdade das coisas, que é aquilo em virtude do que as coisas se assemelham ao seu princípio, que é Deus; nesse sentido Deus é a primeira e suprema verdade. O conceito de verdade como correspondência é amplamente empregado por Pedro Hispano, Herveus Natalis, Antonio Andrea, pois, mantêm a teoria da verdade como conformidade entre intelecto e coisa, embora polemizando sobre o modo de ser da coisa, ou mais exatamente dos objetos aos quais o intelecto deve conformar-se. Em geral, na Escolástica da segunda metade do século XIII e na do XIV, especifica-se a "coisa" à qual o intelecto deve conformar-se é a coisa como é apreendida pelo intelecto, não exterior ao próprio intelecto. A identificação polêmica, defendida por Ockham, entre "verdade" e "proposição verdadeira" equívale propriamente à negação do valor metafísico da palavra verdade. Os platônicos de Cambridge mantêm, por motivos óbvios, o caráter metafísico e teológico da noção de correspondência, falando de conformidade da coisa consigo mesma ou com a sua essência contida ou intelecto divino, mas Hobbes insiste no ponto de vista nominalista da verdade como simples atributo das proposições, isso também foi feito por Locke e até por Leibnitz, que rejeita a noção metafísica de verdade como "atributo do ser" e limita-se a ver na verdade a correspondência do nosso juízo com o objeto, ou seja, com a coisa representada, que ele chamava de definição nominal da verdade, com a noção lógica da verdade como "determinabilidade do predicado

por meio da noção do sujeito”, que ele chamava de definição real. Baumgarten retornava à noção de verdade metafísica como “ordem da multiplicidade da unidade”, enquanto Kant declarava pressupor simplesmente a “definição nominal da verdade” como “acordo do conhecimento com o seu objeto”, e propunha o problema de encontrar um critério para a verdade. Excluindo a possibilidade de um critério geral, válido para qualquer conhecimento, ele se detinha no critério formal da verdade, que é a conformidade do conhecimento com as suas regras. No espírito realista, N. Hartmann defendeu a concepção da verdade como “coincidência com um objeto que deve ser entendido como tal”. Hartman entende o conhecimento como “reflexão do ser sobre si mesmo”.

Os lógicos contemporâneos também recorrem à doutrina da correspondência, procurando formulá-la de tal modo que ela seja independente de qualquer hipótese metafísica. À luz do contemporâneo Alfred Tarski, que retomou explicitamente, algumas definições aristotélicas, partindo de uma equivalência do seguinte gênero: utilizando a noção semântica de satisfação entendida como a relação entre objetos arbitrários e determinadas expressões chamadas de “funções enunciativas”, Tarski chegou à seguinte definição de verdade: “Um enunciado será verdadeiro se for satisfeito por todos os objetos; caso contrário, será falso”. Tarski salientou o fato de que a noção semântica de verdade (como ele a chamou e como habitualmente se chama) nada implica quanto às condições nas quais um enunciado pode ser asseverado. Ele considera que o conceito semântico de verdade pode conciliar-se com qualquer atitude epistemológica, sendo neutro em relação a qualquer concepção realista ou idealista, empirista ou metafísica do conhecimento. Carnap aceitava essa concepção da verdade, mas ressaltava que ela diferia fundamentalmente dos conceitos de crença, verificação, confirmação, etc..

VERDADE COMO REVELAÇÃO OU MANIFESTAÇÃO

A segunda concepção de verdade é considerada como *revelação* ou *manifestação* e tem duas formas fundamentais: uma empirista e outra metafísica ou teológica. A forma empirista consiste em admitir que a verdade, é o que se revela imediatamente ao homem, sendo, portanto, sensação, intuição ou fenômeno. A forma metafísica ou teológica afirma que a verdade se revela em modos de conhecimentos excepcionais ou privilegiados, por meio dos quais se torna evidente

a essência das coisas, seu ser ou o seu princípio (Deus). A característica fundamental dessa concepção é a ênfase dada a evidência, assumindo ao mesmo tempo como definição e critério da verdade.

No sentido empirista, a verdade era considerada como revelação pelos cirenaicos, que viam nas sensações a própria evidência das coisas, os epicuristas consideravam a sensação como o critério da verdade, em contrapartida para os estóicos esse critério estaria na representação cataléptica. Em Ockham, a noção de conhecimento *intuitivo* é a noção de manifestação imediata das coisas para o homem (das coisas em seus caracteres e nas suas relações). No mesmo espírito, Telésio dizia que as coisas “retamente observadas manifestam por si mesmas a grandeza que cada uma tem, bem como sua capacidade, suas forças, sua natureza”; para ele, a sensação era essa revelação imediata das coisas. Em suma todas as doutrinas que confiam à sensibilidade o conhecimento das coisas, tendem a discernir na sensibilidade a revelação da natureza das coisas e identificam como tal revelação a própria verdade ou o critério de verdade.

Por outro lado, da própria interpretação metafísica ou teológica da verdade como correspondência nasce o conceito de verdade como manifestação do ser ou do princípio supremo. Plotino dizia: “A verdade verdadeira não está de acordo com outra coisa, mas de acordo consigo mesma: ela não enuncia nada fora de si, mas enuncia o que ela mesma é”. Nesse sentido, a verdade é hipostasiada: não é o caráter formal de certos procedimentos cognoscitivos, mas princípio metafísico ou teológico que tem a mesma substancialidade e a mesma dignidade do princípio que nela se manifesta, ou seja, Deus. Santo Agostinho afirma que deve existir uma natureza que esteja tão próxima da unidade que a reproduz em tudo e é uma com ela; essa natureza é a verdade ou Verbo de Deus.

No critério das verdades eternas, temos pensadores como Descartes que viu no cogito (verdade) a evidência originária, pela qual a existência do sujeito pensante se revela ao próprio sujeito pensante, e considerou que deveria ser considerado como verdadeiro tudo o que se manifesta de modo evidente. No âmbito do que se manifesta desse modo, Descartes pôs as verdades eternas, estabelecidas e garantidas pela imutabilidade de um decreto de Deus. Segundo Descartes, as verdades eternas são garantidas e reveladas diretamente por Deus, e por isso são

eternas. Assim também pensava Malebranche, embora para ele, ao contrário de Descartes, elas não seriam postas, mas simplesmente reconhecidas e validadas por Deus. Para muitos pensadores adeptos do romantismo, entre eles Hegel que dizia: "A idéia é a verdade: porque a verdade é a correspondência entre a objetividade e o conceito". Não no sentido de que as coisas externas correspondem às suas representações exatas que se tem como indivíduo, mas no sentido de que "todo o real, enquanto verdadeiro, é a idéia e só tem verdade por meio da idéia e nas formas da idéia". Em outros termos, a idéia é "a objetividade do conceito", a racionalidade do real, mas à medida que se manifesta à consciência na sua necessidade, ou seja, como saber ou ciência: e o saber e a ciência são a automanifestação da Idéia, vale dizer, sua autêntica e completa revelação.

*Não há nada verdadeiro em parte alguma,
a verdade não se encontra em parte alguma.
Se dizes que vês a Verdade,
Esse ver não é o verdadeiro.
Quando a Verdade é abandonada a si mesma,
Não há nada falso nela, pois é a própria mente.
Quando a Mente em si mesma não é liberada do falso,
Não há nada verdadeiro; em parte alguma se encontra
[a verdade².*

Hui Neng é adepto da teoria de que a filosofia é o conceito mais ligado a realidade espiritual; no entanto, a forma de expressá-la foi desenvolvida com o intuito de tratar dos fenômenos temporais. Não tem como descrever de repente a verdade como natureza e fato.

Alguns pensadores espirituais acrescentaram aos paradoxos da verdade, formas inevitáveis e deliberadas da linguagem, ou seja expressões traduzindo exageros, com o intuito de escandalizar o leitor, tirando-o daquela redoma satisfeita com a vida, satisfazendo assim, o intelecto. Os mestres do taoísmo e do budismo zen apreciavam de modo particular o gênero de paradoxo. Tendo como pensamento

² A F. P. _ §3, 142-63p.

a infiltração do intelecto através da meditação discursiva, desviando-se da razão, tendo uma visão mais apurada da fundamentação do divino de todo o ser. Mesmo se diferindo de outros métodos, esse no entanto, produziu várias formações e transformações de consciência de caráter.

Entre a forma empírica que é uma coisa mais comprovada e a forma teológica que é mais através da fé está a concepção fenomenológica e existencialista. A fenomenologia é um método que possibilita às essências manifestar-se ou revelar-se como tais. A *epoché* (verdade) fenomenológica, ao pôr entre parênteses a atitude naturalista que consiste em afirmar a realidade das coisas no mundo, tende a possibilitar que as próprias coisas manifestem sua essência. Desse prisma, a verdade é a evidência com que os objetos fenomenológicos se apresentam quando a *epoché* é efetuada. Portanto, segundo Husserl adepto dessa teoria, verdade e evidência pertencem não só aos objetos teóricos, mas a todos os objetos fenomenológicos que se apresentam quando a *epoché* é efetuada. Por sua vez, Heidegger insistiu no caráter de revelação ou de descobrimento da verdade, recorrendo inclusive à etimologia da palavra grega. Assim, por um lado insistiu no nexo estreito entre o modo de ser da verdade e o modo de ser do homem, ou ser-aí, porquanto só ao homem a verdade pode revelar-se e revela-se. Por outro lado, insistiu na tese de que o lugar da verdade não é o juízo, e que a verdade não é uma revelação de caráter predicativo, mas consiste na descoberta do ser das coisas, ou das próprias coisas, e no ser descobridor do homem. Heidegger, ressaltou o fato de que cada descobrimento do ser, por ser parcial, também é um cobrimento dele "O ser subtrai-se, ao mesmo tempo em que se revela, ao ente. Desse modo o ser, ao iluminar o ente, desencaminha-o ao mesmo tempo para o erro".

Para Kierkegaard³, mais importante do que a busca de uma verdade era a busca por verdades que são importantes para a vida de cada indivíduo. Pois cada indivíduo não é único? O importante é encontrar 'a minha verdade', a verdade de cada um, opondo assim ao sistema, gerando uma verdade 'subjéitiva'. Não no sentido de que é totalmente indiferente o que pensamos ou aquilo em que acreditamos. Kierkegaard só queria dizer que as verdades realmente importantes

³ O M. D. S., §2, 404-5p.

são pessoais. Somente tais verdades são “verdades para mim, são verdades para cada um”.

VERDADE COMO CONFORMIDADE

A terceira concepção considera a verdade como conformidade com uma regra ou um conceito. O primeiro a enunciar essa noção foi Platão. “Ao tomar como fundamento o conceito que considero mais sólido, tudo o que me pareça estar de acordo com ele será por mim posto como verdadeiro, quer se trate de causas, quer se trate de outras coisas existentes; o que não me pareça de acordo com ele será por mim posto como verdadeiro”. Santo Agostinho afirmava que “acima da nossa mente há uma lei chamada verdade” e que nós podemos julgar todas as coisas em conformidade com essa lei, que no entanto escapa a qualquer juízo. No entanto segundo Kant, o critério pode referir-se só à forma da verdade, ou seja, do pensamento em geral, e consiste na conformidade com “as leis gerais necessárias do intelecto”. Ainda segundo Kant, “O que contradiz essas leis é falso, porque o intelecto nesse caso contradiz suas próprias leis, portanto a si mesmo”. Todavia, esse critério formal não basta para estabelecer a verdade material, ou objetiva, do conhecimento; aliás, a tentativa de transformar esse cânone de avaliação formal em órgão de conhecimento efetivo não passa de uso dialético, ou seja, ilusório da razão. Esse critério foi acolhido e acentuado pelos neokantianos, sobretudo pelos da Escola de Baden. Windelband considerava que o objeto do conhecimento, não é uma realidade externa (que como tal seria inalcançável e incognoscível), mas a regra intrínseca do próprio conhecimento. Rickert identificava o objeto do conhecimento com a norma à qual o conhecimento deve adequar-se para ser.

VERDADE COMO FORMA DE COERÊNCIA

A quarta noção de verdade aparece no movimento idealista inglês da segunda metade do século XIX e é compartilhada por todos os que participaram desse movimento na Inglaterra e nos Estados Unidos. A crítica de Bradley ao mundo da experiência humana parte do princípio de aquilo que é contraditório não pode ser real; isso o levava a admitir que verdade ou realidade é coerência perfeita. A coerência, porém, atribuída à realidade última, ou seja, à Consciência Infinita ou Absoluta, não é simples ausência de contradição, é abolição de qualquer

multiplicidade relativa e forma de harmonia que não se deixe entender nos termos do pensamento humano. Segundo Bradley, os graus de verdade que o pensamento alcança podem ser julgados e classificados segundo o grau de coerência que possuam, embora essa coerência seja sempre aproximativa e imperfeita. Spinoza já chamava essa descrição da verdade de “terceiro gênero de conhecimento” ou “amor intelectual por Deus”:

VERDADE COMO UTILIDADE (PRAGMATISMO)

A quinta definição da verdade, a verdade como utilidade pertence a filosofia da ação, especialmente o pragmatismo. Mas o primeiro a formulá-la foi Nietzsche: “Verdadeiro em geral significa apenas o que é apropriado à conservação da humanidade. O que me faz parecer quando lhe dou fé não é verdade para mim: é uma relação arbitrária e ilegítima do meu ser com as coisas externas”. Foi o pragmatismo que difundiu essa noção, defendida primeiramente por William James, que identificou utilidade e verdade só nos limites das crenças empiricamente não verificáveis ou não demonstráveis, tais como as morais e as religiões. A equação entre utilidade e verdade foi estendida a toda a esfera do conhecimento por Schiller. Nessa corrente, uma proposição, qualquer que seja o campo a que pertença, só é verdadeira pela sua efetiva utilidade, ou seja, por ser útil para estender o conhecimento ou para, por meio deste, estender o domínio do homem sobre a natureza, ou então por ser útil à solidariedade e à ordem do mundo humano. Critério semelhante foi apresentado por Vaihinger em *Filosofia de como se e divulgado por M. de Unamuno em vida de Don Quijote y Sancho* (1905) (verdade Pragmatismo).

Dentre as cinco classificações de verdade, o pragmatismo que é a filosofia da ação, recebeu essa característica por identificar vários pensadores que ficavam mais nas palavras, daí criaram uma filosofia para a ação, ou seja, uma filosofia mais voltada para a vida prática, cotidiana. Nietzsche, grande pensador contemporâneo, nos faz compreender com precisão a eficácia da verdade como utilidade, por ser uma pessoa muito dinâmica e dialética, aderiu a este pensamento.

Para entender melhor o pensamento de Nietzsche é preciso analisar sua historicidade e contextualidade levando em conta que todo pensador é filho do seu

tempo, é importantíssimo ressaltar esse parâmetro, pois faz com que se entenda melhor a concepção filosófica do pensador em questão.

No dia da festa do rei em 15 de outubro de 1844, nasce Friedrich Wilhem Nietzsche, seu pai exaltado de alegria e no êxtase da existência, escreve um poema para o filho:

Ó mês de outubro, abençoado mês! Sempre me acumulaste de alegria, mas, de todas quantas me concedeste, é esta a mais profunda, a mais esplêndida: batizou meu primogênito... Meu filho, Friedrich Wilhem, tal será teu nome na Terra em memória do real benfeitor cujo dia natalício coincide com o teu⁴.

O pai de Nietzsche, Karl Ludwig Nietzsche, descendia de uma família eclesiástica luterana. O pai e o avô haviam ensinado teologia. A esposa, Oehri quando solteira, era, tal como o marido, filha e neta de pastores. A família de Karl era mais introvertida, mais fechada e a da esposa era extrovertida, comunicativa.

Os superiores tinham Karl em alta estima e a família real da Prússia confiou a educação de um dos seus a ele. Tinha um grande futuro, mas a saúde precária o levou a uma paróquia rural na região de Namburgo-do-Saal, onde sua esposa e ele tinham parentes, assim deram-lhe a paróquia de Röecken que com sua planície indefinida, extensamente coberta de juncos e entremeada de lagos, é ponto de partida das estepes da Europa oriental, célebre pelas batalhas que nela travaram os Gustavo Adolfo e os Napoleões.

Karl e sua jovem esposa aceitaram a vida e o cenário austeros. Casados havia pouco, esperaram quatro anos pelo primeiro filho. Karl possuía belos dotes musicais.

Passado o tempo logo Nietzsche teve uma irmã. É interessante que esse homem com o dom das palavras começou a falar com dois anos e meio, sendo um menino retraído que acompanhava os passos do pai que gostava da companhia silenciosa que o acompanhava onde quer que fosse. Já debilitado de saúde, em agosto de 1848, Karl Ludwig caiu de uma escada, batendo com a cabeça nos

⁴ N. _ § 3, p 6.

degraus de pedra. O choque determinou o aparecimento de um mal terrível. Após um ano de alucinação e de enfraquecimento cerebral, Karl Ludwig faleceu.

Todo o preparativo, desde a notícia da morte do pai refletiu em Nietzsche um abalo duradouro. Essa perturbação revela-se nos seus escritos.

Quando se corta a fronde de uma árvore, esta murcha e perde as folhas, e os pássaros abandonam seus galhos. Nossa família fora despojada de sua fronde, todas as alegrias desapareceram de nossos corações e fomos invadidos por uma tristeza profunda. E nossas feridas mal se haviam fechado quando foram de novo dolorosamente reabertas. Nessa época, sonhei que ouvia o órgão na igreja ressoar tristemente, como nos enterros. E, como eu buscasse a causa disso, um túmulo abriu-se rapidamente e meu pai apareceu, ponde-se a caminhar envolto em sua mortalha. Atravessou a igreja e logo retornou, com uma criancinha nos braços. O túmulo de novo se abriu, meu pai nele desceu e a lápide tornou a fechar-se. Imediatamente o órgão parou de tocar, e eu acordei. Pela manhã, contei esse sonho a minha mãe. Pouco tempo depois, meu irmãozinho Joseph caiu doente, teve uma crise de nervos e morreu em poucas horas. Nossa dor foi terrível. Meu sonho foi depositado nos braços de seu pai. Depois dessa dupla desgraça, Nosso Senhor lá no céu foi nossa única consolação. Eram os últimos dias de janeiro de 1850⁵.

Com o falecimento do marido, a jovem mãe deixou Röecken e foi instalar-se na cidade vizinha, Namburgo-do-Saal. Para o menino Nietzsche essa mudança foi muito drástica, pois saiu da aldeia pastoral para uma cidade onde não conhecia ninguém e onde a sentinela fechava as portas todas as noites.

Com o passar do tempo Nietzsche acostuma-se a vida em Namburgo e aprende a admirar as inestimáveis belezas. Tinha uma sorte de seu aniversário natalício conferir com o do rei, assim escreve:

Como o dia do meu nascimento é também aquele do nosso amado rei, nesse dia desperto ao som de música militar. Recebo presentes: a distribuição acaba logo, e vamos à igreja, juntos. Ainda que os sermão não seja escrito em minha intenção, dele tiro o melhor proveito e aplico-o à minha pessoa. Depois, reunimo-nos na escola para assistir à grande festa... Antes de nos dispersarmos, cantamos um belo coro patriótico e o diretor concilium

⁵ N. _ §2, p8.

dimisit. Começa então para mim o melhor momento, meus amigos vêm e passamos juntos um agradável dia⁶.

Nietzsche nascera com inclinações sacerdotais. Quando somos capazes de nos dominar, ensinava a irmã, dominamos também o mundo interior. Assim o menino de testa abaulada, olhos enormes e pupilas de fogo, descobre paixões. Um dia ouvindo o coro da igreja, apaixona-se pela música clássica, e começa a tocar no piano de casa, compõe uma série de Mazurcas dedicadas aos seus antepassados poloneses, ao mesmo tempo torna-se poeta, começa então o jogo com as palavras.

Aos dez anos, ingressou no colégio de Namburgo, onde se mostrou um aluno aplicado e de tamanha superioridade, que aconselharam a matriculá-lo numa instituição onde os estudos teriam maior dimensão. A mãe mesmo relutante, resolveu pedir ao rei Frederico Guilherme uma bolsa, a qual este concedeu e assim se foi Nietzsche.

Era um menino meditativo, preocupado com o futuro aos doze anos escreveu em doze dias uma biografia de sua infância. E passou a escrever cadernos que serão publicados posteriormente.

A vida é um espelho.

Reconhecer-se nele

É afirmo, o primeiro objetivo

Em que se empenha cada um de nós⁷.

O colégio de Pforta que situava a duas léguas de Namburgo. No primeiro ano, não escreve nada. Mais os amigos numa roda discutem que a história de Múcio Cévola era uma lenda, pois ninguém em são juízo meteria a mão no fogo. Nietzsche não respondeu, simplesmente foi no fogo e pegou um carvão em brasa e o segurou nas mãos até que a mesma queimou, depois derramou cera sobre a mesma. Depois desse ato, os colegas começaram a respeitá-lo mais. Mais tarde foi admirador de Stendhal, "deve-se entrar na vida com um duelo".

Afastado dos seus, sentia saudades constantes. Começou a escrever um diário para safar-se dessa dor que invadia-lhe constantemente.

⁶ Ibid., §2, p10.

⁷ Ibid., §3, p14.

Sendo admirador de Schiller, Hölderlin, Byron e Manfred, sua paixão começa a despertar dentro de si questionamentos.

O saber é amargo: aqueles que mais sabem

Mais profundamente choram a verdade fatal,

A árvore do saber não é a árvore da vida⁸.

Começa então o dilema em Nietzsche já com dezessete anos, o que retirou de sua devoção? E se pega questionando o que foi feito da sua crença? Diante desses conflitos decide-se a tomar a carreira de músico, comunica a mãe, esta desolada tenta dissuadi-lo da idéia, para agradá-la não abandona os estudos de teologia.

A morte de um professor muito ligado a ele o faz novamente sentir o temor da terrível separação, então começa a deleitar-se da escrita e daí não para mais.

Hölderlin é seu pensador preferido, pois via muito de si na vida do mesmo. Mais tarde Nietzsche é acometido por fortes dores de cabeça, onde o futuro preocupa-o ainda mais.

Meu futuro me preocupa. Por muitas razões, exteriores, ele me parece turvo e incerto. Sinto-me, sem dúvida, capaz de ser bem sucedido na profissão que escolher. Mas falta-me força para pôr de parte tantos objetivos diversos que me interessam. O que hei de estudar? Não sei que decisão tomar, mas é tarefa exclusivamente minha refletir e escolher. O certo é que o que eu vier a estudar pretendo fazê-lo a fundo. Mas a escolha é das mais difíceis, já que tenho de encontrar esse domínio preciso ao qual posso esperar me dedicar por inteiro. E quantos enganos não trazem essas esperanças! Quão rapidamente não somos desorientados por uma predileção de momento, uma tradição de família, desejos! Escolher a profissão é jogar uma partida de resultado imprevisível. Presentemente, minha situação é incômoda. Dispersei meu interesse por uma infinidade de domínios, de tal maneira que, se satisfizesse todos os meus prazeres, me tornaria um homem muito instruído, mas profissionalmente um animal bem medíocre. Terei de eliminar vários de meus prazeres, isso é evidente, e terei, da mesma forma, de adquirir novos. Quais serão os

⁸ Ibid., §3, p19.

*infelizes que deitarei fora? Talvez os meus filhos mais diletos!...*⁹

Já formado, indo para casa escreve sobre preceitos que prevalecerão por sua vida, onde sempre procura por Deus.

Indizível! Terrível!

Tu que caças para além das nuvens!

... caçador cruel entre todos,

tu, desconhecido_ Deus!

Bate mais fundo!

Bate uma vez mais!

... Fala enfim!

Que queres de mim, salteador de estrada?

Tu, o desconhecido a quem rodeiam relâmpagos, fala!

Que queres, ó Desconhecido, ó Deus?

A mim_ queres a mim?

A mim_ em minha totalidade?

...Dá, oh, dá,

*inimigo de todos o mais cruel, dá-me... a ti*¹⁰.

Em meados de outubro de 1862, Nietzsche deixou Naumburgo para ir à Universidade de Bonn onde se abriu por completo querendo ser participante de todos os momentos, chamou um amigo para um duelo, no qual recebeu uma estocada, cuja marca honrosa conservou no rosto.

Em Leipzig, a filologia ocupava-lhe o tempo, deixou de escrever e tocar.

Um certo dia enquanto passava por uma vitrine encontrou um exemplar cujo título o agradou, *O mundo como vontade e representação*, de Arthur Schopenhauer, assim o adquiriu, mais tarde disse que este achado foi o mais rico de

⁹ N., §3, p24.

¹⁰ Ibid., §3, p28.

sua vida. A filologia já não o acompanha como até então, é com Schopenhauer que Nietzsche dá os primeiros passos para a filosofia.

No segundo ano em Leipzig, Nietzsche está feliz.

...Pedes-me uma apologia de Schopenhauer? Direi simplesmente isto: olho a vida de frente, com coragem e liberdade, desde que meus pés encontraram um chão em que pisar...¹¹

Aos vinte anos foi dispensado do serviço militar por deficiência visual grave. Em 1867 a Prússia necessitava de homens, assim deixou Nietzsche os cadernos e ingressou sendo artilheiro, uma espécie de asceta servindo a pátria. Em 1868, um acidente de exercício de montaria livrou-o dessa obrigação. Voltou para Leipzig.

Encontrou em Richard Wagner um músico consagrado que dava vida aos concertos, Nietzsche o descreve como o único homem que lhe interessa realmente e apaixona, qualificando-o como gênio da música.

Através da Sra. Brockaus, irmã de Wagner, em 1868, Nietzsche conheceu seu músico gênio Richard Wagner, surgindo aí uma amizade que durou por um longo tempo.

Nietzsche conhece Wagner no momento mais belo, longe da platéia, na solidão. Começaram então a trocar amabilidades, cartas, convites de estadias prolongadas, Nietzsche tinha uma paixão contida por Cosima esposa de Wagner. Sendo sempre convidado de Wagner, passou a defender e trabalhar para a construção do teatro, adaptando um ao outro. Sendo um grande conhecedor e bom orador, logo aderiu a causa de Wagner e por ela lutou. Em outubro escreve *A origem da tragédia*, publicado parte por parte num jornal.

Em 1869, estava com vinte e quatro anos quando foi nomeado professor de filologia clássica na Universidade da Basileia. No mês seguinte, recebe o título de doutor, atribuído pela Universidade de Leipzig pelo conjunto de seus artigos. Na noite de 13 de abril escreve ao amigo Gersdorff:

¹¹ N., §4, p41.

Chegou o último momento, a última noite que passo em meu lar: amanhã cedo, partirei para o vasto mundo; ingressarei numa profissão nova para mim, numa pesada e opressiva atmosfera de obrigações e dever. Mais uma vez, tenho de dizer adeus: o tempo dourado em que a atividade é livre, ilimitada; em que a arte e o universo se nos oferecem aos olhos como um mero espetáculo de que mal participamos; esse tempo está irrevogavelmente terminado: reina agora a rigorosa deusa, a obrigação diária. Bemooster Bursche zieh' ich aus... Você conhece essa comovente cantiga de estudante. Sim, sim! Agora é a minha vez de ser filisteu!... Da gibosidade obrigatória do professor, ainda não vejo nenhum vestígio em mim...Penso nos deveres dos mestres de hoje; preocupo-me com a geração que vem atrás de nós; tudo isso me ocupa o espírito. Já que temos de suportar nossa vida, procuremos pelo menos dar-lhe uma tal utilização que a torne apreciada pelos outros, quando tivermos a felicidade de escapar dela¹².

Em 1870 é alistado no serviço militar e enviado à França, no cargo de enfermeiro. Assim descreve a guerra:

... Pela primeira vez, observa sem repugnância o trabalho das massas. Olha para esses milhões de seres, uns feridos e marcados pela morte, os outros em marcha pelas estradas ou de pé com as armas sobre a cabeça: olha para eles e não os despreza, pensa no destino que os aguarda... Um ardente impulso de fraternidade eleva a alma de Friedrich Nietzsche, já não sente a sua solidão, ama os simples que o cercam.¹³

Sendo enviado a Estrasburgo e Metz, na França, contrai difteria e disenteria, diante da doença vê-se obrigado a abandonar seu posto de enfermeiro e segue para sua cidade para que possa se curar e continuar sua vida.

Em 1871, na Basileia, Nietzsche aproxima-se de dois colegas Franz Overbeck, professor de teologia e crítico do cristianismo, que será seu amigo até o final de sua vida e Jakob Burckhardt, historiador da arte, estudioso da cultura grega e do renascimento italiano, alguns anos depois se distanciará do colega por desaproveitar a ousadia de suas idéias. Em dezembro escreve seu primeiro livro *O nascimento da Tragédia no Espírito da Música*.

¹² N., §4, p51.

¹³ Ibid., §1, p73.

Em maio de 1872 conhece Malwida von Meyseunbug nas festividades da pedra fundamental do teatro de Wagner, esta que é feminista militante, escritora e colaboradora de diversos jornais, vai tornar-se sua amiga mais próxima.

Em 1873 conclui um ensaio sobre verdade e mentira no sentido extra-moral, não chegou a publicá-lo, mas sempre trabalhou e lutou por esta causa. As dores de cabeça, dores nos olhos e no estômago, começam novamente a ameaçá-lo, mas é forte o suficiente e se apegava a pena e dela transpõe o mundo das palavras.

Diante dos clamores de exaltação, que Nietzsche sempre absorvia no espírito wagneriano, escreveu assim para os alemães:

*Queremos ser ouvidos, pois falamos para fazer uma advertência; e aquele que adverte, quem quer que seja, e não importa o que diga, tem sempre o direito de se fazer ouvir... Elevamos a voz porque estais em perigo, e porque, vendo-os tão calados, tão indiferentes, tão insensíveis, tememos por vós... Falamos com toda a sinceridade de coração, e não procuramos nem queremos nosso interesse senão porque ele é também o vosso: a salvação e a honra do espírito alemão, e do nome alemão...*¹⁴

Depois de escrever esse apelo ao povo alemão, pensava Nietzsche que o ouviriam, mas o que resultou foram feridas profundas dentro de si, não o ouviram, simplesmente o ignoraram, procurou refúgio. A partir de 1874, Nietzsche começou a perceber o quanto Wagner o “usou” não escrevia nem respondia as cartas enviadas com a mesma frequência e assim começou a afastar-se dele.

Em 1875, passa por um processo de deterioração da saúde e espera recuperar-se durante o verão na estação de águas de Steinabad. Em outubro, na Basileia, conhece Peter Gast estudante de filologia e sobretudo músico que, amigo fiel e constante, ajudará Nietzsche.

Passou por terríveis crises, após esses dias atormentados apresenta uma carta de demissão junto à Universidade de Basileia, que concede-lhe uma pensão de quatro mil francos por ano pelos serviços prestados à comunidade.

¹⁴ N. _ §5, p121.

Numa manhã de primavera conhece Louise von Salomé, jovem russa por quem se apaixona. Marcaram de encontrem para que pudessem estudar juntos os três, no entanto descobre que Paul Rée está apaixonado pela jovem e está sendo correspondido. Desliga-se do casal passando a viajar por vários lugares.

A partir daí foi uma vida de solidão, sempre recheada com os dissabores da insolubilidade. E nesta solidão criou o então tão aclamado e injuriado *Zaratustra*. Que por muito tempo foi tido como pecaminoso, deixando uma marca bem profunda de sua crença no além-homem.

Mesmo estando fisicamente separado de Wagner, suas obras se chocam sempre com a mesma filosofia como nos afirma o grande meio dia de *Zaratustra*, as teorias contestadas por Nietzsche entram sempre com a temática musical de Wagner¹⁵.

Quando gozava da "loucura", Nietzsche estava rico, a irmã Lisbeth, que voltou viúva do Paraguai, passou a cuidar do irmão. Comprou um terreno nas encostas que se elevam sobre Weimar. Instalando os Arquivos, Nietzsche recebe altas personalidades do mundo cultural e político, expondo o irmão a olhares curiosos. Mais tarde, Lisbeth vai permitir e incentivar a utilização da filosofia nietzscheana pelo Terceiro Reich, sendo visitada pelo próprio Hitler.

Friedrich permaneceu por muito tempo na inércia, a contemplar o céu, o horizonte. Os pássaros pousavam sobre sua cabeça, pois estavam acostumados a inércia do mesmo, mas de vez em quando retomava com frases que surpreendiam os que estavam próximos, a última dessas surpresas foi quando contemplou uma criança e disse que a pureza estava no olhar desta.

Em 1900, falece o grande pensador lírico poético Friedrich Wilhelm Nietzsche, deixando um legado muito grande à humanidade que são seus escritos fantásticos e revolucionários.

Sendo um pensador muito entusiasta, não se pode sistematizar os escritos de Nietzsche, não podendo fazer divisões em seu pensamento, alguns estudiosos dividem suas obras em três fases: pessimismo romântico (1869-1876),

¹⁵ N. W., §1, p130.

influência de Wagner e Schopenhauer e positivismo cético (1876-1881), período de rupturas, influência do moralismo francês e a fase de auto-afirmação.

Nietzsche foi um pensador que percorreu um caminho somente seu, é importante quando frisa que não quer seguidores, quer despertar pessoas, não sendo criticado pelo seu modo de viver, simplesmente viveu a vida como pensava que deveria ser vivida, fez a seu modo, como ser individual, no sentido de que cada ser humano é único, tendo um caminho a percorrer cheio de encruzilhadas. Sendo filho de pastor, viveu uma vida muito rígida, abdicada de variadas sensações, desde muito cedo começou a viver com a “desgraça”, e esta o marcou profundamente, no seu espírito pessimista. Muitos não entendem as mensagens de seus livros e os acham demasiado fortes, mas é preciso conhecer a história de uma pessoa para que se possa compreender suas doutrinas.

II

Capítulo



Verdade e Mentira

“Muitas palavras e, precisamente, as essenciais, estão na mesma situação: a linguagem em geral, está gasta e exaurida- um meio indispensável mas inepto de comunicação que pode ser usado como se quisesse, tão indiferente quanto um meio de transporte público”.

Martin Heidegger

Fm pleno século XX, de repente se pergunta o que é a verdade, um batalhão móvel de metáforas. Principalmente nos dias atuais, o que é a verdade? Até quanto as pessoas chegam próximas a ela, e até quanto correm como se fosse o maior monstro que o destronará. Nietzsche cita a verdade como uma força geradora de seres corruptos consigo mesmo e com os outros.

Entre as muitas obras de Nietzsche, deve-se ressaltar o ensaio que fez sobre verdade e mentira no sentido extra-moral, ensaio esse que foi publicado posteriormente, mas que foi pregado até sua morte.

Em algum remoto rincão do universo cintilante, que se derrama num sem número de sistemas solares, havia uma vez um astro em que animais inteligentes inventaram o conhecimento. Foi o minuto mais soberbo e mentiroso da “história universal”: Mas também foi somente um minuto. Passados poucos fôlegos da natureza congelou-se o astro e os animais inteligentes tiveram de morrer¹.

¹ V. M. S. E._ §1, p31.

Nietzsche ressalta nesta fábula a distância do intelecto humano em relação à natureza. A natureza é o todo, como destaca num remoto rincão, quer dizer em algum esconderijo, imagine o quanto o espaço é amplo e dentro dele haver um esconderijo e esse ser um astro onde animais dotados de inteligência inventaram o conhecimento, dentro dessa dimensão sideral somente os animais do esconderijo foram capazes de produzir o conhecimento, ressaltando assim, quão distante fica o intelecto da natureza.

O homem é mortal. Diante dessa premissa pode-se destacar ainda mais a distância do homem em relação a natureza pois, a natureza prevalece por séculos. O ser humano se toma como se tudo girasse em torno dele, o mundo está a seu bel prazer. Todo pensador quer ter adeptos a sua doutrina, mesmo o mais humilde se vê de repente em circunstâncias que podem ser constrangedoras, quando sua teoria não consegue chamar atenção, daí a importância dos admiradores.

O intelecto é para pessoas que não sabem como usá-lo uma prisão. Como a passagem do ser humano é muito rápida na terra, de repente não se dá conta de viver a vida com intensidade e fica impregnado numa nuvem de cegueira. Convém observar o quanto o homem pode ser escravo do seu interior, no sentido de sempre analisar as probabilidades com demasiada falta de convicção e credibilidade, sendo envolvido com o passar do tempo por essa nuvem de cegueira, que debilita a ação humana, levando-o sempre a percorrer o círculo vicioso.

É o intelecto que propicia uma vida mais plena, desprovida de sensações fortes, é melhor viver na conformidade que de repente renegá-la. Pois renegando-a, deverá mostrar-se como ser dotado de razão e pensamentos seus, é mais fácil ir pela massificação do que lutar por uma utopia sua. Essa luta levará a questionamentos, a conflitos internos geradores de impressões que muitas vezes o espantará. A arte do disfarce é inata no ser, chegando a seu clímax no engano, lisonja, mentira e malogro, falar por trás, representação, viver a glória do empréstimo, máscara, convenção disssimulante, jogo teatral diante dos outros e de si mesmo, todas essas qualidades estarão escalando o cume do monte que levará a vaidade humana. Somente uma palavra dotada de três consoantes e quatro vogais pode disseminar raças, levantar monstruosidades, suscitar a ira, daí pode-se perceber o poder das palavras, diante de tantos conflitos esta estará sempre

correndo da verdade. O ilusionismo eleva o ser humano a tal ponto que o mesmo age para agradar, vivendo um mundo de imagens e sonhos, estando seus olhos voltados para as imagens e formas como se estivesse em câmara lenta e não participasse da contextualidade, não estivesse inserido, sendo um ser que se apega à exaltação do pensamento alheio. É importante quando, por força de vontade, pratica ações, não deixando que essas prevaleçam sobre si.

O homem não é capaz de perceber-se, olhando para um espelho o que vê é a forma física, deveria haver um espelho onde pudesse olhar o interior percebendo-se. "... O que sabe propriamente o homem sobre si mesmo!...²". No entanto fica confinado a uma consciência orgulhosa e impostora sendo desprovido da capacidade de reagir a essa consciência, é como se estivesse numa caverna muita escura e não soubesse a saída, não querendo sair, acha o confinamento agradável, pois esse permite saber que amanhã estará ali seguro na caverna, ai da fatal curiosidade se se manifestar ou cavar alguma fresta e encontrar a saída e descortinar a máscara da consciência e descobrir um ser mesquinho, assassino, impulsionando à verdade.

...Mas, porque o homem, ao mesmo tempo por necessidade e tédio, quer existir socialmente e em rebanho...³

Vivendo em sociedade, cada indivíduo é dotado de natureza diferenciada, logo entrará em choque com algumas idéias, preceitos, virtudes, tendo como resultado uma polêmica, assim o homem precisa de acordos para que não haja esses choques tão drásticos e resultem na guerra de todos contra todos. Para que não prevaleça no mundo a guerra de todos contra todos, o homem precisa de acordos, esses acordos são as primeiras pinceladas de tinta na tela da verdade. Esse tratado de acordo é delegado por uma legislação da linguagem, legislação essa, que diante das divergências individuais estabelece designações válidas e obrigatória das coisas, diante de seres individuais que doravante seguirão essas leis obrigatórias surgindo então o conceito de verdade e de mentira.

Surgindo a dicotomia entre verdade e mentira, a primeira pincelada de tinta já está sobre a tela traduzindo imagens, o mentiroso usa essa imagem para seu

² V. M. N. S. E._ §1, p32.

³ V.M.S.E.M._ §1, p32.

auto-benefício, proporcionando a ela as designações que lhe favorecerão fazendo o não-efetivo tornar-se efetivo. Para se satisfazer, o mentiroso usa das convenções fazendo mau uso delas ou até invertendo nomes, distorcendo a “verdade” em prol de si. A sociedade em que vive tem suas designações das coisas, se usou da mentira de maneira egoísta, sendo prejudicial atingindo diretamente a sociedade, esta não mais confiará nele e o excluirá do seu meio.

Os homens, quanto à mentira, não procuram tanto serem enganados, chegando até a serem maleáveis, no entanto quando forem prejudicados pela mentira, aí sim, reagirão com energia, não odiando a ilusão da mentira em si, mas as conseqüências nocivas de certos tipos de ilusões. Nesse sentido restrito é que o homem quer a verdade, somente a verdade, desejando as conseqüências da mesma, que são agradáveis, mas se por algum momento esta verdade trazer conseqüências danosas, a disposição dessa verdade será refutada, guardada na ilusão.

Partindo dessas idéias surgem vários questionamentos tais como: quais os métodos utilizados pelas convenções da linguagem? É a linguagem a forma de expressão que consegue adequar a realidade vigente? Convenção é uma reunião de pessoas que adotam leis para a sociedade em que atuam, que nesse caso foram a lei do uso das palavras, e essa lei conseguirá atingir todos de forma igualitária sem exclusão?

O que é uma palavra? Segundo Nietzsche, “... a figuração de um estímulo nervoso de sons...”⁴ Estímulo este que é produzido através das palavras está arraigado no homem, sendo interior a esse, fazendo parte de si. Dizer que é exterior ao homem é estar fugindo do fundamento da racionalidade. Imagine se a linguagem fosse decisiva e através das designações tivesse certeza do que a coisa seria (coisa no sentido de qualquer ser), haveriam vários equívocos, por exemplo: subentende-se que a árvore na sua essência seja madeira, possui cor verde e vários acidentes, essa madeira é como se estivesse falando de outra árvore que na sua essência não possuísse os acidentes de todas as árvores, não fazendo assim um elo subjetivo.

⁴ V.M.N.S.E.M._ §1, p33.

Em geral define-se as coisas em gêneros, contrapondo no entanto uma colocação muito pronta e acabada, sem se dar conta que sempre volta para o mesmo lugar, é como se de repente estivesse galgando um monte, mas no entanto estivesse andando em círculos, voltando sempre para o ponto de partida que é a decisão do concílio da certeza, não conseguindo ir além deste. Os animais têm por natureza própria um jeito que os difere uns dos outros, alguns podem agir de forma semelhante, mas o tamanho não é o mesmo, e no entanto pelo que fazem e pelo tamanho, possuem nomes diferentes. E somente por esse acidente diferenciado.

*Que delimitações arbitrárias, que preferências unilaterais, ora por esta, ora por outra qualidade de uma coisa!*⁵

As tantas línguas, colocadas uma ao lado da outra, demonstram que as palavras não estão visando a verdade, ou então não é uma expressão apropriada, se as palavras bastassem por si, não haveriam as muitas línguas que existem no mundo. Para quem teoriza a língua, a “coisa em si” é completamente inadmissível e indesejável. Pois quem se coloca para formar a linguagem não é um pensador, ou seja um filósofo, mas sim um qualquer da sociedade que por espontaneidade insere uma linguagem comum. Esse qualquer coletivo, que criou essa linguagem dando nome as coisas, não distingue o “em si” e “para mim”, esse criador em potencial não suspeita do que seja essa linguagem independente dele. Ele designa palavras às coisas visando a necessidade e o uso das mesmas, não de acordo com a logicidade. É através do regionalismo que percebe-se as casualidades vocais, manias gramaticais, uma linguagem que é designada para o povo de determinada nação, região, etc., partindo desse pressuposto, constata-se o quanto a linguagem e a consciência fazem parte do povo de modo arbitrário e individual. Sem o arbítrio, a linguagem e a consciência não estariam impregnadas no mundo, pois é a partir do momento que chega a uma idéia e tomando consciência da mesma estará agindo com subjetividade, pois é inato no homem o impulso de pensamento independente dele, seu próprio instinto ressalta o pensamento, resultando assim na designação das coisas.

*Um estímulo nervoso, primeiramente transposto em imagem! Primeira metáfora. A imagem, por sua vez, modelada em um som! Segunda metáfora!*⁶

⁵ O. L., §1, p47.

⁶ N. §1, p33.

As palavras e toda designação são metáforas. Acredita-se que se saiba de todas as coisas através de seus nomes, assim como se falar em plantas, ilhas, nuvens, estará falando da coisa em si, no entanto não se possui mais que uma metáfora das coisas ou uma correspondência às entidades de origem. Primeiro o estímulo nervoso, depois a imagem que o sujeito tem da coisa, depois o som que sai em forma de palavras, conceituando as coisas. Sendo que o material inteiro, a verdade que mais tarde trabalhará o pesquisador, filósofo, não é a essência das coisas.

Na formação dos conceitos o concílio reunido projeta palavras e as conceituam. E essas conceituações não podem ser vividas no subjetivismo, tendo significações diversificadas para casos variados sendo semelhantes entre si, mas, levando em conta que o que é semelhante não é igual, estas diferem em alguma coisa, assim não serão claramente desiguais, nem tão pouco iguais. "Todo conceito nasce por igualação do não igual⁷". Pode-se observar que damos o nome de folha a parte da planta, no entanto quantas folhas diversificadas existem? Cada uma com formato diferente, têm-se a idéia de que todas as folhas saíram de uma forma só, mas mãos que não sabiam trabalhá-las com precisão começaram a desenhar, pintar, recortar, frisar, assim nenhuma das folhas tornou-se uma cópia fiel da forma. A natureza em si não conhece formas, nem conceitos, nem espécies, mas somente um X, não podendo acessá-lo e nem tão pouco defini-lo.

Mesmo essa oposição entre indivíduo e espécie é uma forma humana de divindade e não provém da essência das coisas, mesmo que a coisa não corresponda com a coisa, assim afirmá-la seria uma afirmação dogmática e indemonstrável quanto ao seu contrário.

Diante de tanta fatalidade, chega-se ao questionamento "o que é a verdade? Um batalhão de metáforas, metonímias, antropomorfismo⁸" Em suma, a verdade é uma soma das relações humanas, que foram enfatizadas de forma poética e, através do uso das palavras na arte da retórica, consegue traspassá-la usando do enfeite. Após um longo uso, essa mesma verdade aparecerá sólida a um povo, em uma decisão de concílio, fazendo-se obrigatória.

⁷ N._ §1, p34.

⁸ N._ §2, p34.

As pessoas se acostumam muito rápido, é por isso que o malogro através das palavras se auto-afirma como enganador, pois essas verdades são ilusões que foram projetadas com a idéia de passar uma mentira. Existe a palavra verdade formada através do concílio, mas a essência da palavra verdade perdeu sua validade.

De onde provém o impulso à verdade? Até então pode-se observar que tudo foi criado através da sociedade que criou obrigações para existir, utilizando de metáforas para dizer a verdade, mas a expressão moral de mentir segundo uma convenção sólida.

Dirá um homem: "nunca aprove de passar pela minha boca mentira alguma", eis o grande equívoco de tal pessoa, pois, esta mente inconsciente e o hábito perpassa por gerações, séculos, milênios, quando o mesmo coloca a questão de não haver mentido. Percebe-se que acabou de proferir uma mentira, pois esquece que vive num mundo onde o uso das palavras foram criados através de convenções.

O homem coloca seu agir da forma que foi dotado da racionalidade através das abstrações; está cansado de ser levado pela intuição, antes procura envolver essas questões numa universalização descolorida. "Tudo o que destaca o homem do animal depende dessa aptidão de liqüefazer a metáfora intuitiva em um esquema, portanto de dissolver uma imagem em um conceito⁹". O que difere o homem do animal é a capacidade de fundir a metáfora intuitiva em um esquema. É pela capacidade de intuição que o homem consegue passar a idéia das coisas, pois, através da intuição vem no esquema a imagem da coisa, para logo poder conceituá-la.

Para o mundo da intuição, que fica guardado no indivíduo, nem sempre a coisa se manifesta tal qual se pensava, estando de forma diferenciada. Este mundo é o autor de repartições e divisões sociais, fazendo uma classificação piramidal da sociedade, estes dois mundos que são o mundo da intuição e o mundo das convenções se chocarão, devido a divergências de opinião. O mundo da intuição se apresenta mais sólido ressaltando mais a humanidade. Nessa intuição onde o

⁹ Ibid., §1, p35.

genitor é seu autor, sendo uma individualidade, escapando de toda falsificação, mas o grande ostentador dos conceitos deixará transparecer uma demasiada frieza em relação a essa individualidade, atingindo sua credibilidade nos conceitos, desacreditando assim a metáfora das coisas.

É tido como verdade usar cada conceito como foi designado com todas as suas peculiaridades, sem jamais infringir qualquer estatuto dessa designação não atingindo assim as classes hierárquicas. Colocou-se a verdade num estado de aclamação tão reverente que esta se manifesta análoga a um deus, com toda a majestade, que não será destronada jamais, o povo procura deixá-la procurando-a somente em sua limitação.

É com grande admiração que doravante se conhecerá o homem como o poderoso gênio construtivo de fundamentos móveis, utilizando de iluminação interior de imensa complexidade, tal construção tem uma base, na qual foi erguida a planta desses fundamentos, entende-se que essa base seja muito leve, para que possa ser levada para qualquer lugar sem qualquer dano e estando sempre a mercê do criador. Sendo o gênio construtor de uma edificação de tamanho porte, o homem encherá o peito e dirá fui eu quem construiu essa maravilha. Contudo observando os animais pode-se notar que os mesmos são construtores de várias edificações, por exemplo o João-de-barro que faz sua casa toda arrumada, no entanto não se gaba do seu feito, o homem é diferente, pois deixa adentrar em si a elevação, o animal constrói a partir da natureza, o homem constrói a partir de si mesmo.

Com certeza alguém que construiu uma edificação de tamanho porte é uma pessoa admirável, não por seu impulso à verdade, mas sim pelo conhecimento puro da coisa. Esse conhecimento é como o esconderijo que se tem de determinados objetos, quando precisar procura-o no esconderijo e o encontra guardado. O conhecimento também é da mesma forma, basta que o homem o procure e este estará guardado, é uma questão de procurar e encontrar, sendo assim o procurar a "verdade" no interior do distrito da razão é um equívoco.

Não se pode deduzir nada que esteja exterior aquela afamada convenção, pois tudo passa por ela, se disser o sapo é um anfíbio. Esta é uma verdade. Mas tal verdade é universal, sem levar em conta o homem, tendo assim um

valor limitado. O grande pesquisador de verdades puras, procura a essência na metamorfose do mundo no homem, longinquamente encontra o sentimento de assimilação. Por isso procura em tudo colocar o homem, partindo sempre do fenômeno humano, esquecendo-se das metáforas intuitivas.

Através da metáfora o homem procura um meio de sobrevivência diferenciada, construindo um mundo novo onde tudo tem nome. Conceituando os seres edifica um muro, atemo-nos ao muro de Berlim¹⁰. A semelhança é incrível. Partindo do pressuposto que ambos querem oferecer segurança aos penetras. Encontrando nesse espaço um reinado seguro e fortalecido para as palavras em que a "verdade" triunfará, estando sempre a conceitua-la.

O sonho, o que é o sonho? São os pensamentos que tomam forma e vão esvairando pelo mundo afora, colidindo com diversas figuras, seres, acidentes etc., o que é na verdade esse sonho, onde se possa ser rei, uma deusa que caminha pelas ruas de Atenas com toda autenticidade roubando donzelas mantendo-as trancafiadas numa torre, o que é o sonho? Onde se possa ser o autor do mundo. Depois da convenção, tem-se os conceitos, no entanto esses conceitos divergem constantemente em sua teoria, pois o homem mistura um pouco de mito nessas conceituações, assim como no sonho a cada instante tudo é possível, a natureza é sua, faça dela o que bem entenderes.

O homem tem uma considerável propensão ao malogro, gosta de ouvir e apreciar contos épicos como se fossem verdadeiros. Por meio das representações os autores são personagens mais reais que os reais. O intelecto está livre, dispensado de seu genitor serviçal, isso agindo de forma a não causar transtornos, celebrando assim suas orgias. Dessa liberdade surgem mais firmemente as metáforas, a ambigüidade, nesse ponto o intelecto, hábil como o é, se torna o mestre da ambigüidade, distorcendo os caminhos considerados até então como apenas uma definição, este a contorce e forma duas ou mais definições. O intelecto com toda audácia, forja seu senhor e aparece como o senhor, desvinculando-se da servilidade, não sendo mais guiado por conceitos e sim por intuições. Essas intuições não levarão o ser às abstrações, pois nesse mundo não foi feita a palavra,

¹⁰ Alemanha, separando a Alemanha oriental da ocidental.

o homem simplesmente fica estagnado e emudecido quando vê a palavra, ou fala estritamente através das metáforas.

E mais uma vez vem uma corrente que arrasta o ser humano para o turbilhão da dualidade ficando entre razão e intuição, um com medo do outro e o outro escarnecendo da abstração, o último é tão irracional quanto o primeiro é uma negação ao artístico. Com toda audácia, ambos querem ter o poder e o domínio sobre a vida transvalorando-a na sua essência como vida disfarçada em aparência e em beleza como realidade. Fazendo uso do disfarce o homem outra vez pega-se envolvido no esplendor das metáforas, vivendo uma vida ilusória. O homem quando guiado por conceitos e abstrações é paupérrimo, defendendo-se da infelicidade não consegue chegar a uma felicidade para si, enquanto luta pela libertação da dor.

O homem intuitivo repele o mal, sofrendo com mais veemência, pois vai pelo mesmo caminho não ouve a experiência, sempre caindo nos mesmos buracos expostos na cratera da vida. Nesse sofrimento é tão destilado de razão que grita em altos brados e nada o consola. O estoicismo¹¹ se orienta pela experiência, sendo governado pelos conceitos, esse homem procura sempre a retidão, a verdade, imunizando-se a ilusões, sendo a primícia do disfarce, não trazendo um rosto humano, mas sim uma máscara que não grita e não se aflige simplesmente segue a vida cingido pelo manto dos conceitos, calçado com a ilusão.

Ao falar a verdade, tu queres chamá-la pelo seu nome e acariciá-la, queres puxar-lhe a orelha e divertir-te com ela¹².

O homem aprecia a tal ponto a verdade que quer acariciá-la, colocando-a sobre um alto pedestal, para que essa perdure por tempo indefinível, mas ao mesmo tempo quer divertir-se com ela. Como pode alçá-la ao trono e ao mesmo tempo destroná-la, brincando com a verdade, colando-a a seu arbítrio.

Em se levando em conta a contextualidade vigente, será que o ser humano está deixando que a verdade sobressaia? Que grande ilusão, agora que a verdade está fugidia e cada vez mais vai distanciando-se dos homens. Pois a contemporaneidade traz o homem capitalista, esse capitalismo selvagem vai

¹¹ Estóicos_ escola filosófica que se caracteriza sobretudo pela consideração do problema da moral.

¹² A. F. Z. §8, p31.

sugando o homem, não deixando que sobressaia sua ética, mas a conveniência. Vivendo num mundo capitalista, o homem se torna cada vez mais individualista, usando agora mais que nunca das convenções, distorcendo as palavras para seu fortuito, como se fossem meros detalhes, que ficam à sua escolha.

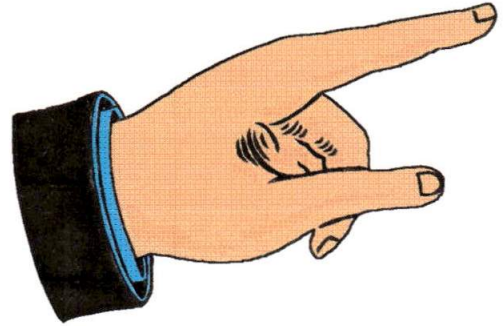
Diante de tanta animalidade, é importante que o homem consiga ultrapassar a barreira imposta e consiga galgar mais degraus da escola do saber, conseguindo ser assim um "ser livre". Ao ultrapassar essa barreira perceberá a importância das palavras e saberá que as mesmas podem suscitar ira e abrandar corações. Sendo somente uma palavra consegue provocar ações diferenciadas.

As crianças ficam encantadas quando estão aprendendo o nome das coisas, encanta-se pela arte das palavras, como se fosse seu artífice, com o passar do tempo acostuma-se com os nomes e não mais tem aquele prazer de pronunciar as palavras. Deixando para poucos o uso das palavras, e estes poucos são os poetas, que dão significância às palavras.

Ei-la, a magia das palavras, resta ao homem usufruí-las desviando-se das convenções, não ficando um ser destinado sempre a acreditar nos conceitos, mas sim percebendo o valor das palavras e a veracidade que possa dar-lhes. Talvez não se consiga aproximar da verdade, pois se as próprias palavras que existem foram forjadas de alguma forma pela conceituação, o homem deve procurar ater-se ao caminho que esta verdade percorre, não procurando desviar-se dele, nem tão pouco distorcê-lo.

III

Capítulo



Moral e Extra-Moral

“Todo homem que for dotado de espírito filosófico há de ter o pressentimento de que atrás da realidade em que existimos e vivemos, se esconde outra muito diferente e que, por consequência, a primeira não passa de uma aparição da segunda”.

Nietzsche

Moral¹ é o conjunto de prescrições a respeito do comportamento, lícito ou ilícito, estabelecidas e aceitas numa época por determinada comunidade humana. O desrespeito a algumas dessas regras pode provocar uma

tácita ou manifesta atitude de desaprovação. Apesar de haver em cada indivíduo uma reação instintiva contra regras e contra a obediência a qualquer autoridade, até hoje nenhum grupo, mesmo de bandoleiros, ou comunidade, como os piratas, pôde existir sem as normas constrangedoras da moral. Se, por uma parte elas molestem o indivíduo, por outra preservam e salvam a sociedade em que ele vive. Agem como um mecanismo de autodefesa e de preservação do grupo. Como os indivíduos só podem viver em função da comunidade, ficam assim compensados do sacrifício pessoal que fazem.

Segundo Rousseau, os códigos morais nascem e se fundamentam numa espécie de contrato social tácito existente entre os membros da comunidade. “As abelhas que vivem em sociedade_ comenta Thomas Hobbes_ não competem umas com as outras, não têm inveja nem desejo de honrarias, assim como não usam a razão em proveito próprio e detrimento alheio; por isso sua sociedade é natural e as atitudes de umas para com outras são reguladas pelo instinto”.

¹ Todas as referências à moral referem-se ao dicionário Nicola Abbagnano.

Entre os homens, as regras que determinam as atitudes e os comportamentos recíprocos são artificiais, isto é, são criadas de acordo com as necessidades e as condições fundamentais de vida do indivíduo e do grupo. Daqui decorre a necessidade da existência de sanção ou castigo, porque todo convênio ou regra, sem a devida sanção, não passa de palavras, e a negligência em suas aplicações determina seu desaparecimento gradual. Dessa maneira, é moralmente bom tudo aquilo que promove, direta ou indiretamente, o bem-estar social, o bem comum: tudo aquilo que completa a natureza e consegue a perfeição do indivíduo sem prejuízo de terceiros.

Cada grupo ou comunidade geossocioeconomicamente diferente adota provavelmente um código moral diverso. Também o mesmo grupo, através dos tempos, pode adotar vários códigos. A moralidade dos patriarcas que a Bíblia descreve já era diversa da adotada pelo povo dito eleito ao tempo de Cristo. Alguns indígenas sul-americanos consideravam ser obrigatório comer o coração ainda palpitante do guerreiro inimigo morto na guerra.

Já os astecas achavam um dever penoso comer a carne de seus inimigos em festas rituais, mas o faziam porque, segundo diz Bertrand Russel, em *A Sociedade humana na ética e na política*, "acreditavam que, se não cumprissem esse dever para o Estado, a luz do sol se apagaria". Até recentemente, na tribo dos "caçadores de cabeça", de Borneo, um jovem não podia casar enquanto não houvesse conseguido um dote de certo número de cabeças.

Nietzsche abomina a moral ditada pelo rebanho², pois esta não permite que os homens sejam eles mesmos, mas sim exercem um padrão de vida ditado pela sociedade, por isso escreveu o livro *verdade e mentira no sentido extra-moral*, extra vem a ser, na etimologia da palavra, o que está fora, daí percebe-se que Nietzsche quis passar uma idéia de verdade fora, ou seja, exterior à moral.

A moral é uma das comportas capazes de obstruir a manifestação espontânea e até caudalosa dessa vontade que é dor e horror, finitude e infinitude, mas em cuja aceitação encontra-se a suprema alegria³.

² O rebanho, que Nietzsche fala são aqueles que sempre seguem os outros, sem ter opinião própria.

³ In, *Fragmentos de Cultura*, vol 10, nº4, julho/agosto 2000, §2, p814.

Através da moral o ser humano se imobiliza, sendo impedido de crescer e ao mesmo tempo, impulsionado a não ser realmente quem deveria ser, com uma idéia de projeto de vida divergente da sociedade em que está inserido. A moral poda o homem, seu espírito sempre está apegado a peculiaridades, não vivendo a vida no seu êxtase. A vida é para ser vivida com toda intensidade, mas devido a essa moral que sempre está acima de tudo, o ser humano é voltado ao seu mundinho conformista.

*Nós homens do conhecimento, não nos conhecemos; de nós mesmos somos desconhecidos- e não sem motivo. Nunca nos procuramos: como poderia acontecer que um dia nos encontrássemos?*⁴

Em se levando em conta que somos seres dotados de racionalidade, não nos conhecemos. Como pode um ser humano ter a qualidade da razão em si, sem no entanto se conhecer? Eis a grande problemática da moral esmagadora do eu, contra a qual Nietzsche luta com todas as forças que lhe são possíveis sobre essa máscara que é colocada para a sociedade e esta os engana com toda a autenticidade, não deixando que os mesmos compreendam a extensão da questão. Observando um animal, em específico o asno citado por Nietzsche no *Zarathustra*, em quase todo canto do mundo se encontra um asno, este é puxado pelo homem, o homem é seu condutor, o asno vai para onde a corda puxar. Mudando de direção que não seja a vontade do conduzinte, este logo o espancará.

Uma grande maioria da população são asnos, conduzidos pela força esmagadora da moral. Essa moral é "benévola", pois dá a arbitrariedade ao indivíduo, só que este arcará com as conseqüências de seu ato. Examinando mais a fundo: quais são os criadores da moral dentro de uma sociedade? Quem determina as leis são os mais favorecidos ou os menos favorecidos? Daí pressupõe-se o equívoco logo de imediato, pois os criadores dessa moral se beneficiarão dela. Os demais membros são arrastados, são "homens livres", mas essa liberdade tem um preço, se ultrapassá-la arcará com as conseqüências. É como se tivesse diante de si uma montanha na qual se pegasse imaginando escalá-la até o cume, só que para alcançá-lo, deverá estar com todos os aparatos para conseguir seu objetivo. Nessa escalada o indivíduo se deparará com variados tropeços que o incentivarão a não

⁴ Ibid., §3, p811.

prosseguir, frisando os perigos da subida, da altura, e se de repente se espatifar no chão ou ficar doente, paraplégico, terá que arcar com as conseqüências. Diante de tantas probabilidades e tropeços, os mais fracos deixarão essa idéia, conformando em estar a salvo. Já o "além homem"⁵, buscará até o fim o ponto culminante dessa montanha, quando consegue chegar ao objetivo almejado, verá o quanto valeu a pena, pois terá uma visão diferenciada e ampla do mundo. Assim, é o homem que consegue se livrar dessa moral esmagadora, que dita e impõe normas, impedindo-o de crescer como ser racional.

... As noções de bom e mau precisam ser analisadas a partir de um estudo etimológico e histórico para poder perceber as transformações que elas sofreram no decorrer do tempo⁶.

Constata-se que na língua latina, *bonus* (bom) é identificado como guerreiro, o guerreiro para sua tribo é conclamado como herói, no entanto para os derrotados é um destruidor, o inimigo mau. Daí percebe-se o quanto há divergência ética entre a palavra guerreiro, surgindo a moral nobre que é o triunfante em si mesmo, e a moral escrava, cujo ato criador é um não a esta vida. Sobressaindo nesse bom a divisão das almas, classificando-as em almas pequenas e almas grandes.

Observa-se que a moral do homem comum no decorrer do tempo venceu, os escravos venceram os senhores, misturando as raças, principiando uma miscigenação que será outorgada pelo mundo. O homem que perdeu, sendo fraco, carregará em si ressentimentos e, não os esquecendo, esse rancor o envenenará, sobressaindo a inveja e a incapacidade de vingança.

Diante desse paradoxo, Nietzsche questiona: para que serve a moral? Essa moral que aprisiona os seres numa caverna, não os deixando "livres", se contentando apenas com a imagem das coisas, não podendo contemplar as coisas na sua plenitude. Mediante tanta atrocidade todos os homens põem-se em marcha e fazem uma limpeza na casa, jogando fora a moralidade e colocando-a numa fogueira a qual não se terá mais acesso a mesma, pois esta queimará, deixando no

⁵ Nietzsche, procura ressaltar no Zarathustra o além homem, que é aquele que consegue sair do círculo vicioso, ressaltando que são poucos os que conseguem ultrapassar essa barreira.

⁶ In, *Fragmentos de Cultura*, vol 10, nº4, julho/agosto 2000, §1, p815.

mundo um ser livre de antecedentes, pressupostos, designações, ele será ele com sua essência, ressaltando suas idéias, sobressaindo desse corpo o homem livre.

Diante dessa atrocidade, Nietzsche ressalta que se deve fazer uma limpeza na casa, jogando a moral na fogueira para que esta seja queimada junto com as coisas que não têm mais utilidade. Liberando assim os instintos inatos do homem, transformando-o em verdadeiro homem, capaz de fazer suas idéias e praticá-las. Desse conflito surgirá o homem autônomo, liberto da imoralidade e moralidade.

Nietzsche ressalta em *Além do bem e do mal* "... Por princípios, somos levados a crer que, renunciar aos juízos falsos seria renunciar à vida, negar a vida..."⁷ Ter a consciência que a mentira faça parte da vida humana é sem dúvida um passo em direção ao homem que pensa além do bem e do mal, pensa a coisa em si, com sua problematização e probabilidade. Encontrando no homem aquela parte guardada a sete chaves que é a mentira, levando em consideração e questionando o por que desse malogro.

*Três transformações do espírito vos menciono: como o espírito se muda em camelo, e o camelo em leão, e o leão, finalmente, em criança*⁸.

O universo possui vários planetas, o planeta terra é um território vasto em dimensão, ao menos para os viventes deste, e diante dessa vastidão existem vários habitantes, seres racionais e irracionais. No ser racional, o homem, nota-se a especificidade, percebe-se que se diferem entre si. Nietzsche os sistematiza distinguindo-os através das três transformações do espírito, o espírito de camelo é aquele que quer ser carregado, vai onde a massificação for. O espírito de camelo tem medo da realidade, sempre que dá um passo para a verdade, afunda-se nos monstros, vai aos poucos esgueirando-se até fugir da verdade, permanecendo sempre um carregado.

Na segunda transformação, o espírito torna-se leão, lutará pelo seu território, deixando claro a soberania por meio de suas ações, pois o leão é dotado de senso de liberdade, quer agir, não ser um mero espírito conduzido, lutando contra

⁷ O P.V.D.N., §2, p58.

⁸ G.M.P. Assim falava Zaratustra, §1, p23.

a força esmagadora do tu deves. No entanto diz eu devo, porque sou um ser racional e quero usufruir dessa racionalidade, não sendo um mero seguidor dessa moral esmagadora do eu, sabendo dizer não.

E por último o espírito transforma-se em criança, o espírito precisa de repente depois de tantas transformações transformar-se em criança, sendo imprescindível essa metamorfose, pois através dessa pretende-se levar em conta a inocência que é inata na criança, o espírito lúdico, o esquecimento, o movimento. Uma santa afirmação. A criança vive a vida na sua autenticidade, pois diz não, quando não quer não importando se deveria dizer sim, está sempre em movimento, se inventa uma brincadeira e esta não dá certo, logo inventa outra. O importante é brincar tudo na inocência, esquecer com facilidade, eis o ápice da problemática humana, esquecer. Muitos vivem uma vida, mas o que lhe dá sabor de viver é a vingança, no esquecimento o homem consegue libertar de si todos os maus querentes, estando sempre aberto à brincadeira.

Na filosofia do martelo Nietzsche vem esclarecendo que veio para quebrar dilemas, tabus, quer jogar tudo fora, por isso ressalta que o pensador, o "espírito livre", deve andar sempre com um martelo para que possa estar quebrando morais preceitos, normas, regras. Instiga o ser humano a sair do marasmo, arregaçar as mangas e agir, quebrando tudo e jogando fora.

Nietzsche é um grande instigador do espírito lúdico, as pessoas têm que brincar, ressaltando que não se deve elevar esse espírito para o malogro, sendo um irresponsável, mas sim viver a vida com intensidade.

Observa-se que o autor em questão privilegia, o deus Dioniso⁸, deus do vinho, sendo filho de Sêmele e Zeus. A esposa de Zeus que é Hera enciumou-se de seu marido incorporando-se em outro espírito confundindo Sêmele, dizendo: pedes para que Zeus apareça com todo o seu fulgor de deus supremo, no entanto quando esta pede a Zeus que apareça com seus dotes espirituais esta é queimada com a luz que esse deus humano na forma divina irradia, estando Sêmele gestante, Zeus pega o filho e insere-o na cocha e ali fica até a hora do parto, já grandinho Hera quis acabar com a vida de Dioniso, então seu pai o transforma em cabrito e o manda

⁸ M. G., §1, 113-40p.

para o monte Nisa é entregue aos cuidados das Ninfas e dos Sátiros, que o esconde por muito tempo, e ali na selva Dionísio descobriu a vinha.

Depois de grande, Dionísio volta à Grécia onde é reconhecido como cidadão grego, não tem moradia fixa. As pessoas não o adoravam como faziam com os demais deuses, Dionísio na sua fúria destila a loucura sobre algumas pessoas, e estas enclausuram-se, prestando-lhe cultos, até que percebem a importância desse deus.

Sendo que o múltiplo sempre acompanhou Dionísio desde o seu surgimento, sendo diverso, imprevisível, não tendo como reconhecê-lo. Está sempre sob uma máscara que o disfarça e o revela. A aparição de Dionísio é feita com jogos incessantes, de presença e de ausência, sua identidade permanece indefinidamente ambígua. Sorridente ou irritado, andando ou saltando, ele se apresenta, assim, sob a máscara do estrangeiro. Ele chega de outro lugar e, não estando em lugar algum de sua casa, encarna no imaginário grego este “Estrangeiro do interior”.

Dionísio é o deus das bacantes, o deus do vinho que jorra seu suco, substância onde se misturam a morte e a vida multiplicada. O vinho precipita o humano na bestialidade ou leva-o ao êxtase do divino.

Sendo adepto a esse deus, Nietzsche vê em Dionísio o deus da afirmação, mesmo em sua morte, morreu mutilado⁹ sorria e vivia um êxtase interior. No ser humano é importante ressaltar que mesmo na dor há prazer, a intensidade da vida, a vida vivida como minha e somente eu sou genitor desta.

Nietzsche como filólogo, tem que ser um conhecedor das línguas e as línguas originaram-se do grego. Quando se estuda o grego, estuda também a cultura grega. Sendo assim, teve uma admiração muito grande pela mitologia grega. Apegou a Dionísio pois este era diferente de todos os deuses, um deus estranho, que revela a multiplicidade, variadas facetas. Sendo assim, pode-se experimentar a idéia de homem que estivesse dominado pelos princípios de seu tempo. Nietzsche

⁹ Os próprios seguidores de Dionísio o mataram, tiravam-lhe as partes do corpo e as comiam, estavam extasiados. Dionísio mesmo nessa morte, sentia prazer de ainda restar-lhe um pouco de vida.

sendo um homem de origem puritana, profundamente religioso, sente que Dioniso lhe dá uma força muito grande para superar a dualidade entre corpo e alma.

Dioniso é alguém que ajuda Nietzsche a enfrentar a doença que a cada dia se vê definhando, sente que a cada dia seu fim está mais próximo, por isso a afirmação da vida com intensidade. Não precisando de vida eterna, precisando de felicidade aqui.

Dioniso é um deus feio, e afirma que a vida está além dos conceitos, quem afirma a beleza ou feiura perde-se na vida, ressalta sempre que o que importa é afirmar a vida.

Quanto mais o querem matar (Dioniso), mais ele viverá, o Dioniso da superação dos limites um deus brincalhão, admite que a vida é uma surpresa.

Percebe-se o porque de Nietzsche entre tantos deuses, escolher Dioniso como seu consolador. Dioniso deixa sobressair nas pessoas o seu eu interior, o que está guardado, e a vida é uma afirmação constante.

IV

Capítulo



Consequências e Sequelas

“É preciso tempo para o relâmpago e o raio, é preciso tempo para a luz dos astros, é preciso tempo para as ações, mesmo quando foram efetuadas, serem vistas e entendidas”.

Nietzsche

O advento da industrialização nega cada vez mais o homem na qualidade de pessoa humana, é simplesmente mais um número diante de tantos. Seus malefícios já haviam sido apontados por Karl Marx, pensador e historiador, em sua obra: *O Capital*. Este previa a ausência do ser humano como humano no mundo. Haja visto a sociedade contemporânea, uma sociedade individualista, alimentada pelo consumismo. Cabe então perguntar a Karl Marx onde fica o ser humano no embalo da industrialização?

O mundo cuja crise Nietzsche sente, observa, vive, e intui as dramáticas conseqüências, é exatamente esse mundo da modernidade com suas certezas, no Futuro. A crise que ele enfrenta é a do sistema da Razão e suas instituições, do mundo do pensamento, representado na e pela razão. No seu conjunto, esse mundo de representação também constituía uma espécie de senso comum que unificava as suas ações e servia de amálgama de sua organização: a ideologia política.

Nietzsche percebe, tragicamente, que o sistema da Razão moderna e o seu senso comum__ com suas noções de “verdade”, “valor”, “moralidade”, “consciência”, “lei” __ao constituírem um conjunto coordenado de representações, um imaginário social, o que realmente constituíram foi na verdade uma forma de clausura daquilo que esse próprio sistema da Razão moderna havia ordenado e representado, ou seja, uma forma de clausura da “primeira natureza” do homem, o seu próprio corpo, enquanto fator de desejos, paixões, sensações e sentimentos. A

Razão moderna e o imaginário social que constitui, fizeram do poder do pensamento uma "segunda natureza" a dominar e enclausurar a primeira¹.

Sentindo esse medo da verdade que o habita e a cada manhã lhe dá um soco, percebe-se que no decorrer do tempo, o homem tende a definhar-se cada vez mais. Chegando ao ponto que não conseguirá mais ausentar-se de si, surgindo aí a patologia do século XXI, a depressão. Depressão é não acreditar mais em si, não querer sentir o mundo em sua essência, deixando sobressair de si somente o negativismo, estando voltado constantemente para o não ser².

Estando tão desprovido de sensações intensas, o homem apega-se a qualquer um que lhe dá uma certeza maior da existência surgindo aí os falsos profetas, aos quais Nietzsche alerta em seus escritos. O homem deve acreditar na terra, nas suas raízes, não ficando assim com pensamentos que o levará para uma vida melhor, sendo adepto da teoria do renunciar ao agora e alcançar o amanhã. O homem deve viver a cada dia como se cada instante fosse único. Aquele instante jamais voltará, sendo assim, porque não ser feliz agora? O deus Dionísio é o grande propagador dessa ideologia, mesmo na tristeza, na dor a afirmação da minha existência é maior que o meu problema. Só o fato de ser e estar no mundo já diz tudo, as demais coisas as viverá como secundárias. O importante é se auto-afirmar como ser humano, indivíduo dotado de racionalidade.

O louco_ Vocês não ouviram falar daquele homem louco que em uma clara manhã acendeu um candeeiro, correu à praça do mercado e se pôs a gritar incessantemente: 'Eu estou procurando Deus! Eu estou procurando Deus!'_ Como ali se encontrassem justamente muitos dos que não acreditavam em Deus, ele suscitou então uma grande onda de risos. Então ele perdeu-se? Dizia um. Errou o caminho como uma criança? Dizia outro. ou ele está escondido? Está com medo de nós? Embarcou? Emigrou?_ assim gritavam e riam confusamente³.

Quem é esse louco que corre profusamente de um lado para o outro? Nietzsche coloca a dualidade da loucura. Quando o homem age de forma diferente do que até então agia, de repente pega-se falando sou louco. Atendo-se ao texto percebe-se que as demais pessoas estavam sãs, somente o louco se dava conta da morte de Deus, que até então o haviam tirado de suas vidas. O louco foi para a

¹ Miguel, DUCLÓS. <http://www.cwu.edu/~millerj/nietzsche/bge.html>

² In. Isto é, Guerra contra o baixo-astral, nº1669, 26 de setembro de 2001, p76.

³ O. L. §2, p15.

ágora, pois era onde os filósofos antes discursavam, falavam, vendiam, escravizavam e falavam em Deus. Acendeu a vela, esse acender a vela durante o dia, entende-se que mesmo os homens achando que sabem o que fazem de certa forma estão no escuro e não se dão conta dos enganos que cometem.

Cada palavra encobre uma máscara. Deve-se levar em conta as palavras na sua significação, sua etimologia. A verdade foge, para alcançá-la o homem tem que percorrer caminhos desconhecidos até então.

Falsos valores e palavras ilusórias! Ai! Haja quem os salve do seu salvador⁴!

Percebe-se no homem, o quanto este falta com a verdade ou até mesmo o quanto esta está distante de suas ações. O que realmente lhe importa são os fins, luta sempre para alcançá-los mais rápidos, já os meios ficam secundários. O que é a verdade diante de tanta atrocidade no mundo, de repente se pega pensando, o que é a verdade? O homem cometeu atrocidades defendendo aforismos redundantes, tudo diante dessa verdade. Atemos em Adolfo Hitler em sua perseguição aos judeus em nome de uma raça pura. Mas, quem lhe outorgava o direito de saber quem era e quem não era a raça pura? Como ele na sua crença já se autodenominou pertencente de uma nação superior? É interessante observar esta contradição de pensamento, pois outra nação pode se considerar a raça pura.

É importante no campo da verdade que o que pode ser verdade para um, pode não ser verdade para outro. Percebe-se claramente essa diferença se se olhar a distinção que há entre Oriente e Ocidente, ambos habitam a terra, no entanto, a cultura é totalmente diferente, o idioma, a moral, e enfim a verdade.

Na contemporaneidade, percebe-se que o malogro está no seu auge, com palavras que induzem as pessoas ao intento. O homem diante de tanta atrocidade, guerras, deve desmitificar os conceitos de verdade e separar o que é verdade. Pois há uma manipulação muito grande em relação à verdade, as pessoas distorcem a verdade, e a usam para seus fins.

⁴ A. F. Z. §7, p76

Appendice



Nietzsche em 1873.



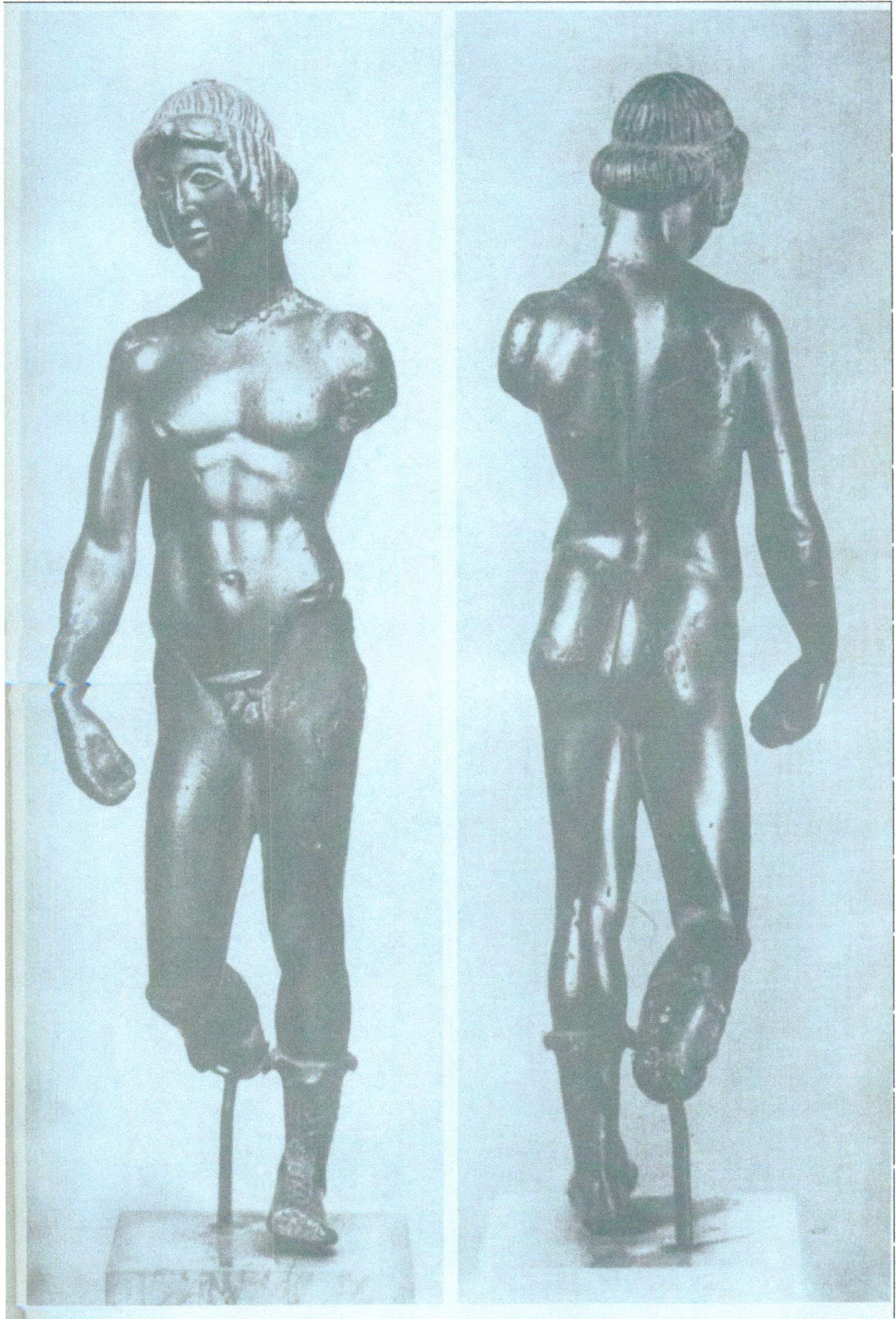
Escola de Pforta.



Malwida von Meysebug



Dionísio, Pã e uma Bacante. Baixo-Relevo antigo. Museu Nacional, Nápoles.



Dioniso. Bronze, c. 460 a.C. Museu do Louvre.

Conclusão

Muitas pessoas se atêm por demais às palavras ditas sobre um grande pensador como Nietzsche, sem ao menos tentar interpretá-lo. É preciso compreender seu pensamento e sua época, para depois criticá-lo.

Analisando as idéias de Nietzsche, pode-se perceber o quanto muitos desconhecem da verdade, partindo desse ponto de que muitos o acham muito radical, temos que respeitá-lo foram as idéias dele. A sua teoria tanto quanto imaginava era uma teoria que levaria para um homem mais consciente da realidade e sua problematização, no entanto pessoas com outros interesses pegaram seus escritos e fizeram tudo que estava escrito, pensavam que estavam interpretando da melhor forma possível, só que a grande problemática estava nos objetivos.

Nietzsche é um pensador que vê além de seu tempo, como cita sou "póstumo", pois prevê em sua época a atrocidade que acometerá o homem contemporâneo, com sua tecnologia avançada, criou-se tantas coisas, e de repente se vê, olha e já não sente a autenticidade da vida, pois passou a ser um número a mais.

No limiar do século é preciso enxergar além, sob prismas diferenciados, para perceber o quanto a verdade é distorcida e o quanto a moral é forjada. Poucos são os que conseguem alcançar esse patamar, a grande maioria fica confinada ao que a coisa apresenta em si e não se dá conta da outra face. Para isso é preciso ser além homem, para conseguir sobressair desse rebanho, tendo idéias próprias, não sendo esmagado pela força da moral que sempre dita normas e regras, você é livre, mas se agir com liberdade acarretará problemas para si e terá que resolvê-los prestando contas. O além homem consegue superar essa visão de mundo restrita, ultrapassando o círculo vicioso, rompendo barreiras, vendo as coisas num sentido mais complexo.

Trilhamos caminhos difíceis por sermos a primeira turma, uma das dificuldades foi a realização desta monografia, a falta de obras do pensador, uma

vez que a biblioteca da faculdade está em formação. Outra grande dificuldade encontrada foram os orientadores, não dispúnhamos de professores nas áreas requeridas.

Mesmo diante de tantas dificuldades, valeu a pena o esforço e dedicação, além de conhecer com um pouco mais de profundidade o pensador, comecei a compreender suas teorias. E posso dizer com certeza, encantei-me com suas idéias e maneira de ver o mundo.

“Quem acende uma luz é o primeiro a beneficiar-se da claridade”.

Gilbert Keith Chesterson

Referências Bibliográficas

Obras de Referência

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. Trad. Alfredo Bosi, 2ª ed, São Paulo: Martins Fontes, 1998.

ENCICLOPÉDIA MIRADOR INTERNACIONAL, Enciclopaedia Britânica do Brasil, São Paulo: Martins Fontes, 1994.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Minidicionário da língua portuguesa**. 3ª ed, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

JOSPIASSU, Hilton & DANILO, Marcondes. **Dicionário básico de filosofia**. 2ª ed, Petrópolis, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1989.

LALANDE, Andre. **Vocabulário técnico e crítico da filosofia**. Trad Fátima Sá Correia et al, São Paulo: Martins Fontes, 1993.

Liros

BRANDÃO, Junito de Souza. **Mitologia grega**. 5ª ed, Rio de Janeiro: Vozes, vol II, 1992.

BUZZI, Arcângelo R. **Introdução ao pensar: o ser, o conhecimento, a linguagem**. 23ª ed, Rio de Janeiro: Vozes, 1995.

CORBISIER, Roland. **Introdução à filosofia**. 2ª ed, Rio de Janeiro, 1991.

DETIENE, Marcel. **Dioniso a céu aberto**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

HALÉVY, Daniel. **Nietzsche: biografia.** Trad Roberto Cortes de Lacerda e Waltensir Dutra, Rio de Janeiro: Campus, 1989.

HUXLEY, Aldous. **A filosofia perene.** Trad, Octavio Mendes Cahado, São Paulo: Cultrix, 1994.

GAARDER, Jostein. **O mundo de Sofia:** romance da história da filosofia. São Paulo: Companhia das letras, 1995.

MANN, Heinrich. **Biblioteca do pensamento vivo: O pensamento vivo de Nietzsche.** Trad Sérgio Milliet, São Paulo: Martins.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Os Pensadores.** Trad Rubens Rodrigues Torres, 5ª ed, São Paulo: Nova Cultural vol I, 1991.

_____ **Obras incompletas.** Trad Rubens Rodrigues Torres Filho, 3ª ed, São Paulo: Abril Cultural, 1983.

_____ **Grandes mestres do pensamento: Assim falava Zaratustra.** 4º vol. S. ed, s.d.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico.** 21ª ed, São Paulo: Cortez, 2000.

TÜRCKE, Christoph. **O louco: Nietzsche e a mania da razão.** São Paulo: Vozes, 1993.

Periódicos

SUGIZAKI, Eduardo. Nietzsche entre os filhos da noite e os deuses olímpicos, *Fragmentos de Cultura*, vol.8, n.5, set./out., Goiânia, 1998.

GONZÁLEZ, Leopoldo Jesús Fernández. A estética da vitória na filosofia de Nietzsche, *Fragmentos de Cultura*, vol.8, n.5, set./out., Goiânia, 1998.

MARQUES, Fernando. Filosofia. TNT. In *Correio Brasiliense*, Brasília, 27 de agosto de 2000.